

INTRODUÇÃO

Pensar o ser humano na sua relação com Deus, expressão de uma fé. Essa foi a motivação inicial que me levou a refletir sobre o sujeito da fé no mundo atual, repleto de diversidades e possibilidades. Falar do ser humano, inserido em sua realidade histórica e tomado pelos discursos que legitimam as várias ciências, não seria simples sem assumir uma visão teológica que pudesse responder às exigências do mundo científico. Uma teologia que dialogasse com as ciências, reconhecendo na razão uma mediação frutífera e capaz de oferecer a explicitação da dimensão da fé, como realidade de expressão da relação entre Deus e o ser humano. Mas a maior motivação se encontrava em sustentar a fé em Jesus Cristo como opção de vida existencial. Para isso, um grande desafio se impôs: a mediação da comunidade eclesial. Sabemos que as instituições, na modernidade, sofrem um abalo no enfrentamento de um modelo globalizado, que se sustenta numa lógica utilitarista e imediatista, configurando relações superficiais e provisórias. Uma contradição à proposta do cristianismo, que se guia pelo amor ao próximo e pela tradição.

Buscando enxergar caminhos, recorri à orientação do professor França Miranda, com quem, no curso de graduação, aprendi a fazer teologia estudando os desafios de abordar a Graça de Deus na história do ser humano. Foi, então, que fui apresentada ao autor com quem faria uma longa parceria de trabalho, Adolphe Gesché, que seria responsável por uma grande conversão humana em relação ao mundo criado e sustentado por Deus. Aqui começa uma trajetória que desejo realizar e partilhar, junto com o leitor, que, tenho certeza, encontrará muitos outros caminhos além do que proponho como ponto de partida.

Primeiramente, faz-se necessário uma apresentação do autor e uma justificativa das obras selecionadas para o desenvolvimento desse trabalho.

Adolphe Gesché nasceu em 1928, em Bruxelas, na Bélgica, vindo a falecer recentemente, em 2003. Formado em Filosofia, Letras e Teologia, onde recebeu o título de Doutor. Lecionava na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Louvain e foi presidente da Sociedade Teológica de Louvain. Viveu, portanto, o século das ebulições econômicas, sociais e culturais, o século XX, que suportou o sofrimento de duas Grandes Guerras mundiais. Um século em que a humanidade viu Deus sair e entrar, questionado e defendido, do cenário histórico dessa

realidade. A Igreja se encontrou, portanto, diante da necessidade de dialogar com a modernidade, que, com as grandes transformações científicas e tecnológicas trazidas a partir de meados do século XX, sofreu uma radical mudança em relação à sua própria natureza. Uma mudança que gerou novas modalidades na relação social, afetando diretamente a atuação da Igreja no mundo. As mudanças mais sentidas foram nas famílias, que, por causa da guerra, tiveram as mulheres ativamente presentes no mercado de trabalho, e na própria classe trabalhadora, que se viu mais distanciada e expropriada de sua produção diante do fenômeno da globalização. A Igreja se viu envolvida e comprometida com essa realidade, que trazia o desafio de dar resposta de vida aos sinais de fragmentação. O Concílio Vaticano II representa a resposta da Igreja a uma nova atuação no mundo. Gesché tem um papel fundamental no pensamento teológico para esse diálogo.

Gesché foi, junto com outros grandes teólogos, uma referência no resultado da teologia do Vaticano II, na Europa e no mundo. Como veremos nesta apresentação, a base estruturante de seu pensamento se encontra na revelação de Deus na história do Homem. Procurou compreender Deus e o Homem numa relação existencial, pensar uma teologia que pudesse dialogar e apresentar respostas ao novo mundo que emergia com maior racionalidade, mas, simultaneamente, com necessidades de compreensão do sofrimento humano deixado pelas Grandes Guerras que o mundo assistiu.

O autor deixou uma vasta obra escrita, em especial artigos de grandes revistas teológicas. Reconhecendo a grande limitação do tempo e do objetivo do trabalho de apresentar um estudo introdutório do pensamento de Gesché, selecionei um pequeno número de suas obras para o trabalho. O limite bibliográfico pode ter impedido um conhecimento mais profundo dos temas que percorreu durante sua vida de escritor, principalmente a riqueza que apresenta no diálogo com outras áreas de conhecimento, como a arte literária e a filosofia. Realmente, Gesché elabora uma fértil articulação entre as ciências e, com muita autoridade, soube aproveitar as pesquisas que vinham sendo desenvolvidas sobre o ser humano. A partir da formação literária que trazia, buscou focar e relacionar seu estudo sobre o ser humano com a arte, uma fonte inesgotável do mistério do próprio ser. Dessa forma, atual e legítima, fez da teologia um instrumento de trabalho. Com a apresentação da concepção antropológica e teológica, trazidas no

desenvolvimento do trabalho, esperamos alcançar o objetivo primeiro de apresentar o pensamento do autor que fundamenta a sua teologia.

Os livros com os quais trabalhei fazem parte da série *Deus para Pensar*, que trata, em cada volume da coleção, de diferentes temas desenvolvidos por Gesché durante sua vida. Os dois primeiros volumes da série, *O Mal* e *o Ser Humano*, receberam, em 1993, o prêmio Cardeal Mercier, concedido a obras de filosofia e teologia. A Academia Francesa premiou, em 1998, os cinco primeiros volumes da coleção, além daqueles, *Deus*, *O Cosmo* e *A Destinação*. Os volumes, *O Cristo* (Volume 6) e *O Sentido* (Volume 7), foram escritos, respectivamente, em 2001 e 2003, este último publicado no ano de sua morte. Selecionei aqueles diretamente relacionados com a proposta do trabalho, uma abordagem do ser humano como mediação primeira que nos revela Deus e que, através da linguagem, torna a fé uma realidade possível de ser aderida como opção de uma existência cristã. E Jesus Cristo, a revelação mediadora definitiva de Deus, que, no evento da Encarnação, fez da história a mediação real para se construir a identidade cristã. O *Cosmo*, mesmo estando entre os primeiros dos seus escritos, não o incluímos diretamente, mas de forma implícita, já que buscamos delimitar o tema no ser humano que adere ao seguimento de Jesus Cristo, optando por não abordar essa temática, complexa o suficiente para ser pensada como um único tema de trabalho.

No primeiro capítulo apresento uma abordagem geral que nos abre à compreensão da teologia, nos aspectos antropológicos e teológicos, necessários ao entendimento de todo corpo do trabalho, que se funda na perspectiva cristã do autor com quem dialogamos para pensar o Homem de fé no mundo atual. Abro o caminho percorrendo o que faz do ser humano um ser capaz de conhecer e desejar, o *enigma*, que Gesché vai falar para desenvolver o mistério que habita o mais íntimo do ser e que desencadeia uma busca incessante por se fazer conhecer. A busca conduz o ser humano a uma plena realização, que Gesché deposita na possibilidade de ser encontrada na salvação cristã. Passo, então, a ter como referência a tradição judaico-cristã, que nos oferece as narrativas bíblicas como a fundamentação de toda defesa pelo reconhecimento da identidade cristã. Dentro dessa perspectiva, o capítulo é focado no ser humano “*criado criador*”, que tem como ponto de partida, para a compreensão da dinâmica da revelação de Deus, no ato da criação, uma criação feita com a liberdade de Deus, que concede o dom de

ser livre à sua criatura, criada à Imagem e Semelhança de Deus. O capítulo tem o objetivo de apresentar essa dinâmica, destacando os elementos que constituem a estrutura humana para serem pensados na teologia a partir da narrativa da criação. Gesché trata de uma intrínseca relação entre Deus e o ser humano na criação. A alteridade e a liberdade nascem como elementos fundantes dessa viva e atuante dinâmica da criação de Deus, narrada no Gênesis. Concluimos o capítulo com a fé como dado de uma realidade que expressa a relação estabelecida entre Deus e o ser humano. Uma relação que nasce da alteridade, que constrói a confiança entre os Homens e projeta para algo maior do que o próprio ser humano: a confiança num Terceiro, que permite compreender aquela primeira intuição antropológica de Gesché, o mistério atuando e desvelando no ser humano a capacidade e o desejo que tem de Deus como parte constitutiva da sua estrutura humana.

Ainda percorrendo as veias que nos levam à compreensão do ser humano, o segundo capítulo desenvolve outros elementos, apresentados como constitutivos da condição humana, que são essenciais na antropologia que nos apoiamos para defender a teologia no diálogo com o mundo moderno. Assim, falamos da destinação, como a possibilidade teologal de uma vida existencial, e do mal. Dedicamos uma parte à questão do mal pela necessidade da defesa de Deus, com a qual o crente se depara nas dificuldades geradas pelo sofrimento, também pelo pecado, tão difícil ao Homem moderno compreender. Recorremos, aqui, à doutrina do pecado original, que o autor trata com muita atualidade na busca da superação de uma visão equivocada na história do cristianismo. Da mesma forma, coloca a defesa da vítima em contraposição às estruturas jurídicas da modernidade, que acentuam a perseguição ao culpado mais do que se preocupam com a salvação da vítima. Houve, portanto, uma necessidade de refazer o caminho da teologia, que construiu, na sua história, uma visão pouco esclarecedora da atuação de Deus na luta contra o mal, que distancia o Homem de seu destino último, a realização em Deus. A liberdade, a alteridade e a destinação serão desenvolvidas dentro da perspectiva teológica, que é o que pretendemos fundamentar na apresentação do pensamento de Gesché. Sabemos que trabalhamos com elementos da antropologia, mas vamos apresentá-los na perspectiva da teologia. Isso significa pensar que os elementos podem ser vividos em diferentes lugares que dão o sentido próprio a cada um. É isso que oferecemos para pensar: o sentido que o ser humano dá à sua

liberdade e alteridade de forma a conduzi-lo ou não à uma destinação como lugar de um sentido, próprio da antropologia teologal.

Depois de percorrer as pegadas do autor, buscando construir o que desejamos apresentar na sua perspectiva de ser humano, chegamos ao último capítulo apresentando esse ser humano, já como Homem de fé, que proclama em Jesus Cristo o motivo de sua identidade construída. Esta parte vem responder ao convite que Gesché nos faz para pensar o Cristo da fé na sua realidade histórica. Deslocar a centralidade da pessoa de Jesus para a sua mensagem de salvação, que nos anuncia um Deus preenchido de humanidade. Anuncia a imagem de um Deus que ama de forma incondicional e de um novo ser humano, a partir de sua humanidade. Isso significa que faremos o caminho narrado pelos apóstolos para chegar ao reconhecimento histórico do Cristo Glorificado. A partir das narrativas bíblicas, buscamos chegar ao Cristo da fé como mensagem central da fé cristã. Desenvolvemos essa idéia a partir do que o autor chama de identidade narrativa, o elo que representa a articulação dinâmica entre o Jesus histórico e o Cristo Glorificado. Por isso, seguimos o caminho dos apóstolos, procurando ouvi-los nos testemunhos de fé do Cristo, reconhecido no Jesus de Nazaré, para nos distanciarmos do risco presente na prática cristã de dissociar as duas dimensões de Jesus Cristo, desfigurando qualquer tentativa de seguimento. Depois de desenvolver a cristologia como proposta de uma adesão mais autêntica da fé cristã, apresentamos a comunidade de fé como mediadora concreta do desenvolvimento e construção da identidade cristã. Cristo como opção de vida, seguimento, paradigma para realização de uma proposta de vida. Desejamos poder chegar a esse resultado. Não que ele seja o único absoluto, mas se torna um convite aberto às muitas possibilidades oferecidas por um Deus que, feito Homem e assumindo as nossas limitações humanas, nos mostrou, na história, o caminho para uma libertação que ultrapassa a própria história.

Iniciemos essa caminhada com a humildade de quem reconhece as limitações do trabalho. Espero que o leitor possa ser provocado pelo desejo de ultrapassá-las na mesma condição inicial de quem se propôs a escrever, com disposição para pensar o reconhecimento do Homem de fé nos dias atuais.